

SIMONE ANDRÉ

DESABAFO
OU
ATUALIZAÇÃO DE
DONA FLOR

1a. edição

EDITORA INDEPENDENTE



Rio de Janeiro
Brasil

COPYRIGHT Written by Simone R. B. André

Copyright © 2025 Simone R B André. Todos os direitos reservados. A propriedade intelectual desta obra literária de ficção está assegurada ao autor pela Lei Federal nº 9.610/1998. Nenhuma parte desta obra pode ser apropriada, comercializada e estocada em sistema de banco de dados ou processo similar, em qualquer forma e meio, seja eletrônico, fotocópia, gravação etc., sem a expressa autorização do autor, titular dos respectivos direitos autorais. Simone R. B. André – Paraty – RJ – simoneandre.com

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

André, Simone

Desabafo ou atualização de flor / Simone André.

-- 1. ed. -- Paraty, RJ : Ed. da Autora, 2025.

ISBN 978-65-01-54607-0

1. Romance brasileiro I. Título.

25-281153

CDD-B869.3

Índices para catálogo sistemático:

1. Romances : Literatura brasileira B869.3

Eliane de Freitas Leite - Bibliotecária - CRB 8/8415

"Remédio feito por máquina não entra
em minha farmácia"
Jorge Amado - D. Flor e seus dois
maridos

Prefácio

“Desabafo ou Atualização de Flor” é um desfecho do projeto de leitura “Nas águas da leitura: NAL JÁ”. Este livro, inspirado nas obras de Jorge Amado, emergiu de forma espontânea – um caderno de anotações, reflexões e rascunhos de contos escritos entre 2022 e 2023. Foi em 2024 que a montagem final ganhou forma, e a obra “Dona Flor e Seus Dois Maridos” atuou como o fio condutor, o elemento que une a massa criativa. Seus ingredientes são camadas de conhecimento que moldaram os pensamentos e as reflexões destes últimos anos. Plantei sementes de ideias, e o livro brotou, orgânico.

Convido você a lê-lo como preferir: seguindo a sequência proposta ou explorando capítulos isolados.

O projeto “Nas Águas da Leitura” teve início em 2018, motivado pelos movimentos das "páginas líquidas" do universo digital. Como um rio que flui, o projeto foi ganhando corpo, culminando em exposições de fotos e obras que transformam livros de

coleções antigas. Em 2022, redescobri as obras de Jorge Amado. Residindo em Paraty, iniciei um processo similar, criando livros-arte que podem ser visualizados em @nasaguasdaleitura. No entanto, as transformações que a pandemia trouxe extrapolaram o estático das imagens e fotos. A fusão entre as leituras do passado e o presente mediado pelo universo digital me instigou a escrever este romance. A perspectiva do feminino e o papel da mulher entram em diálogo com a obra de Amado, numa espécie de "brincadeira" que chamo de "atualização de Dona Flor". O jogo entre a escrita e a leitura tomou forma como texto, propondo ser lido em voz alta, pois foi gestado em fluxo de pensamento.

Encantado

Agora, assim hoje, outras coisas vieram à tona a respeito do que vou escrever agora, mas o que vou defender por meio desse texto ainda é raso sobre o que estou pensando.

Quando o espírito não está mais aqui, o que acontece com o corpo?

Essa era a pergunta que vinha à sua mente enquanto lia trechos enfadonhos do Dona Flor. Enquanto lia, tentava se lembrar de qual era a parte que tinha gostado quando lera vinte anos atrás, e se alguma tinha sido assim, exaustiva.

A leitura agora a pescava entre algum trecho, brecha na suspensão de um pensamento. Pensamento do seu próprio passado. Imagens como da cena de um filme a levavam a buscar conexões entre o que já vivera e o que a leitura lhe dava. Caminhava mais para o passado do que para os sonhos e desejos. Era assim que lia, sem devorar. Como numa receita, buscava na massa do pensamento o ponto para dar liga ao

desejo de agora, uma pitada de tempero que a fizesse recordar momentos de espontaneidade, o pré-aquecido da vontade, para a salivação vir à tona assim que ele entrasse por aquela porta.

Aquele livro a recuperou. Com a história, a Dona Flor que revisitava o seu falecido marido recuperava a personagem que ela tinha sido na vida real, naquele tempo de apetite intenso, nos vinte e poucos anos de vida. Será que era verdade, esse despertar dela, na verdade literária do jogo de leitura? Ou será que o autor estava despertando signos e símbolos que traziam à frente pensamentos escondidos, referentes à política, a mortos, a outros mundos, à vida, aos desejos, etc.? Fixava, então, a reflexão na leitura daquela literatura de época, dos símbolos e significados que marcavam a mudança do governo, o reviver de um amante, desse um que violentava, que batia, para um outro, mas qual? Fixar o sentido no histórico era uma boa forma de sair do delírio de seu passado e assim presentificar aqueles que faziam a história de agora.

Pensou ...

Lido assim, agora tinha a impressão de que o casamento instituía algo diferente, ditava posses, domínios, era um pegar a laço e não era elo. Colonialismo, palavra que não fazia parte explicitamente daquele romance como na instituição de hoje, o casamento. Tantas eram as infinitudes de tipos de relacionamentos que existiam quanto a cena imaginada do calor da Bahia. Há esse que fazia abrir portas e janelas das casas, armar cadeiras nas calçadas. E as bocas, mesmo que cansadas, não mais calavam. A vida pública ou a vida em público pareciam ser a mesma coisa.

O marido de Dona Flor despossuído, possuído de outras. Corpos que exalavam a fartura que as receitas das gostosuras bem preparadas devem trazer. E Dona Flor ressabiada em ter de dividir o prazer entre violências de um cotidiano que tinha que caber nas paredes fechadas de uma vida conjugal. Possuí-lo em pensamento, melhor do que em vida, uma memória do abstrato da leitura que lhe tomava a esfera da cama, deleite de tardes consigo mesma.

Mas, era nas páginas desse livro que poderia ver melhor as suas imagens da mente, formação de espaços, cenários do lido que sincretizavam as visões das suas memórias. Ilustrações tracejadas compunham o espectro do quase sonho. Entre tempos: o que fora escrito e o que desejava a boca, o beijo que unia os espaços do entre. Desejos seus, imagens sobrepostas dos personagens, memórias do filme de adaptação, sono e sonho.

Reconfigurando suas próprias memórias, despertou-lhe um pensamento assim:

Corpo morto, corpo sem espírito, - vazio toma conta como se o pensamento quisesse encontrar alguma imagem ou palavra para descrever aquela sensação de quase lembrança que lhe vem, corpo meu, desejo nosso.

De repente lhe veio a cena, uma espécie de terceirização da leitura. Não era memória, não era o romance lido. Em sua própria casa, por um instante desses em que o fervor do sexo se distrai por um segundo, e isso parece ser mais recorrente quanto mais o tempo se alarga em idade de experiências vividas,

quando chega outro relógio, esse um que ela deixara de usar acorrentando o pulso, indicando a hora exata de verter no púbis todo líquido do desejo a dois. Costumava ser nessa hora marcada em que, cansados de tanto trabalho, se abria uma janela para o sonho dos corpos livres, que dançavam na cama pele a pele e prazer.

Não foi essa a hora que a memória despertou. Assim como uma ação engatilhada, naquela hora da tarde, após uma jogatina, sem falar e sem poder abrir-se por inteira, percorreu com as mãos, mesmo que timidamente, aquele que lhe deu prazer, o tanto de gozo mais que poderia lhe dar, o quanto que não poderia se entregar. Novamente essa matemática infinda que não media o tato e o toque, mas como em um jogo articulava os valores entre os prazeres que poderia ter, se além do corpo, o pensamento também fosse sincrônico, ou mesmo o reconhecimento dos pequenos desejos que se formulam num cotidiano repleto de repetições em novidades pouco provadas, quando se dosa a vontade pelo desejo do outro. Assim, devagar, ela queria experimentar um tanto dele aqui,

um gosto de comida ali, um sabor diferente de pensamento, um fresco de sonhos de mundos distantes, uma aproximação de corpos.

Parou aí no “corpos”, quando percebeu que o corpo desse quase desconhecido era o mesmo que o do ex-amor que ficara preso em sua memória.